**A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A AVALIAÇÃO A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM PORTUGAL**

**Amanda Santana de Souza ¹**

**Orientadora: Suzana Alves Nogueira Souza ²**

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Educação Física – UEFS

²Docente do Departamento de Saúde – DSAU – UEFS.

amanda.santanaa@hotmail.com

**Resumo**

No âmbito do processo educacional para pessoas com deficiência muitas vezes visibiliza-se a imposição de grandes obstáculos para execução desta função. Profissionais relatam que tem receio e insegurança de não saber de como forma deve agir e como planejar suas aulas voltada para a perspectiva do ensino para estes alunos, justificando não saber como organizar e nem qual resposta poderá ter com o trabalho pedagógico voltado para atender este público. No processo de sistematização de estratégias de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física para os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é imprescindível que o docente retire o foco de planejar seu trabalho pedagógico focando no diagnóstico e nas limitações que seus alunos apresentam, afinal diagnostico não é o destino, deve-se alertar-se sempre para voltar a ênfase de seu planejamento para as potencialidades e possibilidades de aprendizagem do aluno, pensando na garantia da participação e presença do aluno. O presente estudo trata-se de relatar a partir de uma experiência vivenciada em um intercambio em Portugal, como eram avaliadas as aulas de Educação Física direcionadas para o público de alunos com TEA. As aulas eram intervenções realizadas dentro de uma disciplina do curso de Ciências do Desporto e Educação Física em uma Universidade em Portugal. As aulas tinham como proposta aproximar o aluno das vivências de modalidades esportivas, atividades lúdicas e outras atividades que são da grade de conteúdos da Educação Física. Através das vivencias com estas atividades os alunos puderam ter contato com mais conteúdo das práticas corporais, como o jogo, a dança, o esporte, a luta. Além de que, nestes momentos de aula, os alunos podiam ter contatos mais próximos uns com os outros. Para além destes fatores citados, a experiência objetivava também a melhoria muscular, promoção da cooperação e do trabalho em equipe, estimular habilidades como velocidade, agilidade, força. Nas aulas os alunos foram avaliados de modo processual, ou seja, cada atividade o aluno era avaliado pela sua maneira de executar, seus avanços desde a última prática da atividade ou gesto e não apenas pelo resultado final, como por exemplo, ao invés de avaliar se o aluno consegue ou não marcar um gol, foi avaliado a forma como o aluno evoluiu no passe de bola, no chute. Assim, notou-se avanços tanto na execução técnica nas atividades como no contato afetivo com colegas e professores, o comportamento de muitos alunos teve melhorias, como também houve uma aceitação maior de realizar as atividades, o que facilitou muito a fluência das aulas e alcance dos objetivos propostos, assim com a confiança que os alunos desenvolveram nos professores responsáveis pelas aulas.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Avaliação; Educação Física.

**INTRODUÇÃO**

Percebe-se muitas vezes que durante o processo de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência que os docentes as vezes apresentam relatam receios, inexperiência e insegurança por parte do professor, devido ao fato de não saber ao certo como se dará a organização do trabalho pedagógico com a turma e qual obtida que o professor terá dos alunos como consequência da proposta do trabalho.

É relevante destacar que neste relato de experiência optou-se pela desconstrução do conceito de que a pessoa com deficiência deve ser definida como anormal e assumiu-se a concepção baseada na antropóloga Debora Diniz (2007) que afirma que, a deficiência deve ser vista como um modo de vida, um dos modos distintos de ser e de estar no mundo. Além disso, este estudo encontra nos pressupostos históricos culturais vigotskianos (VIGOTSKI, 2001) a base teórica para entender os conceitos de deficiência.

Ao realizar a sistematização das estratégias de ensino e aprendizagem da educação física para alunos com TEA, torna-se imprescindível o destaque para que o pensamento não se foque apenas no diagnóstico e nas limitações dos alunos, pois diagnóstico não é destino. Há uma necessidade emergencial em pensar nas potencialidades e nas possibilidades de aprendizagem, pois é importante a garantia da presença, participação e aprendizagem significativa para todos os alunos, independente das suas especificidades.

O estudo apresenta como foco relatar a avaliação da aprendizagem a partir retorno dos alunos à atividade desenvolvida e os resultados obtidos através da avaliação dos níveis dos mesmos no início das intervenções e após seis meses de prática regular das atividades. Os aspectos citados são importantes quando se refere a um planejamento de ensino para a educação de alunos com TEA, afinal é necessário analisar como ocorreu a atividade, se os alunos a compreenderam, se houve uma participação de todo o grupo, se o conteúdo foi apropriado pelos alunos, entre demais pontos para análise.

Como objetivo o estudo trata-se de relatar as experiências vivenciadas no processo de ensino e aprendizagem assim como, a forma de avaliação dos conteúdos de educação física para alunos com TEA, que tinham aulas semanalmente com os acadêmicos do curso de Ciências do Desporto e Educação Física de uma faculdade na cidade de Coimbra em Portugal, por motivos éticos o nome da instituição não foi esclarecido no estudo, por não se ter consentimento para ser citado, deste modo não será revelado no relato.

Em linhas gerais, a intervenção relatada neste estudo ocorria com o foco de levar aos alunos a aproximação com o desporto e a vivência com o grande leque de atividades e/ou conteúdos que a Educação Física possui como área de conhecimento. Assim, o estudo torna-se relevante por trazer evidências de uma experiência inovadora, pois onde utiliza-se o trabalho com público de jovens com TEA ao mesmo tempo que ocorre com o conteúdo da Educação Física, o que resultou em uma experiência interessante e rica de conhecimentos e aprendizados para os dois grupos, tanto para os estudantes que ministravam as atividades, quanto para os alunos participantes.

A forma como as atividades eram planejadas ocorriam em grupo, formado por acadêmicos do curso de Ciências do Desporto e Educação Física de uma faculdade na cidade de Coimbra em Portugal, inscritos na disciplina com nome de Desporto de Opção I: Atividade Física para Grupos Especiais, na qual a mesma contava com uma atividade prática de intervenção com grupos especiais. A partir daí surgiu a oportunidade de fazer parte do Núcleo de Estudos de Atividade Física Adaptada da faculdade e desta forma, a partir das aproximações e conhecimentos já adquiridos escolheu-se trabalhar com jovens com TEA, logo em seguida, procurou-se nas literaturas existentes da área obter um aprofundamento plausível para que pudesse realizar um planejamento baseado em evidências científicas que auxiliassem o desenvolvimento do trabalho, para que pudessem exercer as atividades a fim de caminhar para um resultado significativo nos encontros pedagógicos.

Desta forma, estudou-se sobre o conteúdo e as estratégias de ensino, buscando na literatura estudos e livros que pudessem contribuir para o planejamento das intervenções e pudessem auxiliar para ministrar as aulas para este público. O grupo entrou em contato com a responsável pela coordenação da associação especializada em trabalho com grupos de TEA da cidade e houve a solicitação para trabalhar com o grupo obtendo resposta positiva.

Desta maneira obteve-se a permissão para intervir ministrando aulas uma vez na semana, com o grupo de jovens que eram levados até o pavilhão da faculdade de Educação Física acompanhados pelas professoras e estagiárias da associação que não participavam das atividades, mas observavam e interviam quando necessário, no caso de algum dos alunos apresentassem algum comportamento agressivo, eles interviam e auxiliavam a conversar e acalmá-los nestas situações, elas também eram as responsáveis pelo deslocamento do grupo até a faculdade e da faculdade para a associação.

Iniciou-se assim os planejamentos para as intervenções, onde o grupo de estudantes selecionavam uma determinada quantidade de atividades propostas para o devido tempo de aplicação na aula, montando assim o plano de aula, onde continha atividade de aquecimento, as atividades e/ou jogos para executarem com os alunos e ao final uma atividade de retorno a calma, a fim de manter os alunos mais calmos e relaxados para o retorno para casa, após a aplicação do plano de aula, cada um dos componentes escrevia sua reflexão crítica onde avaliava o trabalho do grupo na determinada semana, como ocorreram as atividades e como fluiu entre si com os alunos.

Ao final das intervenções que ocorreram no período do segundo semestre do ano de 2018, percebeu-se grandes avanços e foi possível notar diferenciais significativos nas aulas com o público de jovens com TEA, pois os alunos se mostraram mais dispostos, alegres e grande parte não se negavam mais a participar das aulas, no início tínhamos que convidar, insistir, conversar, conquistar a confiança para que pudessem se sentir à vontade para praticar a atividade.

Ao final foi perceptível que a mudança foi bastante significativa, pois os alunos comentavam a respeito das atividades que eles gostariam de fazer mais vezes, pediam para repetir os exercícios que eles mais gostaram, o que foi bastante gratificante para toda equipe de acadêmicos/professores poder observar o quanto os mesmos puderam melhorar a prática dos movimentos nas aproximações com os desportos, nas atividades lúdicas, como também puderam gostar mais de atividades em grupos, de estar em movimento e praticando atividade física.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

**O estudo surgiu a partir do interesse em relatar a experiência vivenciada durante o período de intervenções com aulas de Educação Física para alunos com TEA, em um intercâmbio em Portugal no segundo semestre do ano de 2018. As aulas ocorriam todas às quartas-feiras no turno vespertino, das 14 às 16 horas, no Pavilhão de Aulas da Faculdade na cidade de Coimbra – Portugal.**

**Os planejamentos das aulas ocorriam partes após a intervenção anterior e outra parte por contato online dos membros da equipe. Um plano de aula era montado com todos os detalhes e formas de adaptação para que a intervenção pudesse acontecer. Após cada aula, os alunos de modo individual deveriam elaborar um parecer final sobre a aula, onde deveriam ser expostos os pontos positivos, negativos, sugestões e comentários em geral sobre as atividades planejadas para a aula.**

Neste estudo são relatadas as experiências obtidas através das intervenções com turmas de alunos com TEA onde semanalmente eram ministradas aulas com conteúdo da Educação Física adaptadas e planejadas especificamente para a turma.

No presente relato ocorre uma triangulação das experiências durante as aulas e autores que discutem sobre a avaliação, assim como autores que trazem contribuições para as avaliações relacionadas a turmas com pessoas com deficiência como também como a perspectiva que esse trabalho apresenta de acordo com o que os autores aqui citados defendem.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A partir da DMS-5 (2013) considera-se o Autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), como também é conhecido, como um distúrbio neurológico, mais especificamente no sistema nervoso central, que gera déficits persistentes na comunicação e nas interações pessoais e/ou padrões restritivos e repetitivos de rotina. As características e alterações comportamentais do autismo podem ser ou não aparentes no período de 18 a 24 meses da infância, mas geralmente se tornam mais evidentes entre os 2 e os 6 anos de idade.

Quando trata-se de falar sobre a avaliação do aprendizado escolar, nota-se que na maioria das vezes é medida pelo produto final, ao invés de visualizar toda trajetória que o aluno percorreu, os avanços durante o ensino, o que ainda é mais comum de ser observado permanece sendo o resultado final, o que acaba desconsiderando todo processo e avanços que o aluno obteve durante o processo de aprendizagem.

De acordo com Luckesi (2002, p. 6),

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam.

A partir da fala do autor, visibiliza-se assim como há diferenças entre exames e avaliações e percebe-se que um não é sinônimo do outro. As avaliações não são exames, ou seja, os dois se diferem e se opõem quando comparados em suas características, o fato de os exames serem confundidos com avaliação de aprendizagem prejudica bastante o compreendimento do desenvolvimento do aluno, pois ao contrário do que seja a avaliação, os exames excluem e classificam.

Os alunos que exigem um tempo maior para a aprendizagem ou que apresentem alguma dificuldade na compreensão e execução da tarefa são diretamente prejudicados quando chegam os momentos de avaliação. Assim, surge a necessidade de incluir, observar de modo dinâmico como é dado o processo de cada aluno dentro da sua especificidade e não selecionando os que obtiveram um resultado maior em um processo final de exames.

A partir daí pode-se observar como é dado o processo de avaliação dos alunos com TEA, a necessidade de uma avaliação de aprendizagem mais elaborada se faz presente, levando em consideração que apesar de ser um grupo composto por diversos jovens com TEA, eles se diferem apresentando suas características e graus diferentes. Assim, o olhar sensível para o processo de aprendizado de cada um se faz necessário, e é importante ressaltar que na avaliação de aprendizagem com alunos com TEA é fundamental que haja olhar sensível para avaliar, pois para além das características que se assemelham no espectro, cada aluno tem suas especificidades e o processo de apreender entre eles diferenciam em termos de tempo, cada aluno apresenta seu tempo de entendimento e compreensão e isso demanda respeito.

Para Oliveira e Campos (2005), o processo de avaliação deve salientar como um meio de designar a relação do aluno com o ensino e as suas condições de aprendizagem, assim os procedimentos ocorridos devem priorizar que haja uma análise do desempenho do aluno em aspecto pedagógico, de modo que ofereça subsídios para uma melhoria do planejamento, como também uma possibilidade de aplicação de estratégias de ensino inovadoras que permitam assim atingir os objetivos que foram determinados por cada professor de conteúdo específico.

Válido ressaltar a importância que faz a avaliação no processo de ensino, visto que a atividade sem o feedback prejudica o professor em sua reflexão sobre os objetivos propostos e os resultados alcançados. Assim percebe-se que a avaliação adequada pode estar contribuindo no planejamento das próximas atividades e corroborando que os erros ocorridos possam ser corrigidos posteriormente. A análise de desempenho pedagógico sobre a atividade aplicada também constitui um aspecto relevante, pois possibilita a reflexão do professor sobre o seu planejamento, verificando se há a necessidade de busca de novas estratégias de ensino que facilitem atingir os objetivos propostos.

A experiência utilizada como relato neste presente estudo ocorreu durante o semestre 2018.2, durante uma mobilidade estudantil internacional, ou seja, um intercâmbio acadêmico, em Portugal durante o período de um semestre, onde pode-se ter contato com outra universidade, vivenciando a oportunidade de experimentar outros conhecimentos, lugares, culturas, metodologias e estratégias de ensino diferenciadas, assim como também houve a participação como membro de um núcleo de estudos de atividade física adaptada da faculdade, onde semanalmente junto com mais alguns colegas, as aulas de Educação Física Adaptada eram planejadas e ministradas para grupo misto de cerca de 15 a 20 jovens com TEA composto por meninas e meninos, com faixa etária de idade de 12 a 24 anos, que ocorria no pavilhão de aulas da faculdade.

O objetivo da experiência era buscar fazer com que os alunos pudessem obter um contato mais próximo das modalidades desportivas, atividades lúdicas e conteúdo da Educação Física, de modo que pudessem estar se permitindo vivenciar as atividades, experimentar as práticas corporais a partir do contato com conteúdo da educação física como a dança, a ginástica, o jogo, além de estarem em contato mais próximo com a atividade física, com atividades de movimento, interação e trabalho em grupo. Ademais, a experiência objetivava a melhoria muscular, promoção da cooperação e do trabalho em equipe, estimular habilidades como velocidade, agilidade, força.

A experiência justifica-se pela necessidade do ensino da Educação Física para todos os públicos, inclusive para o público com deficiência, de modo que os resultados das aulas de Educação Física quando planejadas propriamente para o público da educação especial traz inúmeros benefícios e grandes avanços em suas vidas, como o trabalho com as práticas corporais voltados para a atividade física com alunos com TEA.

As atividades contribuem para o desenvolvimento físico, auxiliando na coordenação motora, no desenvolvimento cognitivo, no desenvolvimento das habilidades motoras, assim a realização de atividades com estas ainda podem contribuir bastante no caso dos jovens com TEA, pois alguns apresentam repetições de movimentos, a prática de atividade pode dar função aos movimentos estereotipados, que são uma das características mais marcantes das crianças com TEA, identificadas por comportamentos repetitivos que podem ser sensoriais, motores e emocionais onde podem influenciar a aprendizagem ou ocorrência de autolesão.

O trabalho ocorreu de modo que todo o grupo de estudantes responsáveis para ministrar as aulas, planejavam a aula a cada semana, escolhendo um tema como por exemplo lutas, dança, ginástica e assim eram escolhidas atividades sobre determinado tema, uma de aquecimento e em média outras quatro sobre a temática, que funcionavam em diferentes estações, as atividades ocorriam em formato de circuito.

No primeiro encontro foram realizados uma série de testes do brockport, denominado como os testes de aptidão física para jovens com necessidades especiais, escolhido para poder-se obter um controle das diferenças em aspectos de aptidão física nos alunos durante a realização de atividades no semestre, os testes eram compostos por contagem do número de flexões, número de abdominais, teste do banco onde era analisada a flexibilidade, teste do “vai e vem”.

Iniciava-se pelo teste do vai e vem, onde os participantes corriam o maior tempo possível em uma distância de 15 metros, com movimentos para frente e para trás, em um determinado ritmo com o som do bipe, que ficava mais rápido a cada minuto, o teste é aconselhado para ser realizado em uma superfície plana e antiderrapante, quando os participantes não atingiam a linha antes do sinal do sonoro, recebiam mais dois sinais sonoros para que pudessem se recuperar, antes de serem retirados, como se fosse uma segunda chance de retomar o ritmo.

Logo em seguida, os alunos realizavam as flexões e abdominais, os alunos tinham de completar o maior número de flexões que conseguiam a uma frequência de 1 flexão a cada 3 segundos, sendo adaptada caso o mesmo não consiga realizar nesse espaço de tempo, contando assim o número de flexões que ele realiza no determinado tempo, os abdominais em posição inicial deitados no chão, ao toque do som, eles iniciavam a execução e ao final eram contados quantos abdominais foram realizados.

Por fim, o teste do se senta e alcança, os alunos sentados à frente de um banco sueco, de pernas esticadas e com os pés encostados ao suporte do banco eram solicitados que tentassem chegar o mais longe com as palmas das mãos voltadas para baixo e esticadas completamente e junto ao banco, sem dobrar as pernas. A medição da distância conseguida seria feita através de uma fita métrica que estava colada na parte superior do banco.

Estes testes foram realizados ao início e ao final das intervenções de modo de obter uma avaliação da aptidão fisica dos alunos que experimentavam e vivenciavam os momentos pedagógicos de aulas de Educação Física, quanto aos aspectos emocionais sobre as atividades, era notável perceber a mudança, a disposição e alegria em realizar as atividades, assim como tanto a coordenadora da associação, quanto as professoras estagiárias que acompanhavam o trabalho com o grupo percebiam a importância que aquele momento de aula de Educação Física tinha para eles. Os alunos internalizavam que naquele dia, no determinado horário era a hora da realização das aulas de Educação Física e se preparavam para isso.

O grupo dos jovens eram divididos em pequenos grupos, divididos por diferentes aspectos a depender da atividade proposta para a aula, ocorria muitas vezes por nível de agitação, separávamos os alunos que estavam mais inquietos em grupos diferentes para executar as atividades, ou então por tamanho e aproximação do exercício, para que os alunos que já conheciam executasse a atividade depois, deixando que os que ainda não tinham experimentado pudessem experimentar primeiro.

Assim, cada grupo em determinado tempo tinha que experimentar a atividade na estação e depois ao final do tempo passar para a próxima atividade, o tempo da atividade dependia da quantidade de estações do circuito proposta para o dia e da quantidade de alunos presentes na aula. Ao final reuniam-se todos os jovens e realizava a atividade de retorno a calma, uma atividade mais devagar para estimular o descanso aos alunos e pudessem ter um retorno mais tranquilos e não tão agitados, após a atividade, os alunos sentavam-se em círculo e um deles chegava ao centro do círculo e executava movimentos de alongamentos, onde os demais repetiam, assim finalizava a aula que durava cerca de 1 hora e 30 minutos aproximadamente.

Após isso, os estudantes responsáveis por aplicar a aula, se reuniam após a saída dos alunos e organizavam o material utilizado nas atividades, logo em seguida, compartilhavam os pontos positivos e negativos que ocorreram na aula, as atividades que ocorreram, como sucederam, o comportamento dos alunos diante das atividades, as atividades que foram muito bem sucedidas e as que não ocorreram tão bem, os desafios e as dificuldades que surgiram e que tiveram que ter respostas imediatas diante da situação e quais foram estas respostas, deste modo compartilhavam informações e críticas sobre a aula.

Logo após cada um era responsável por construir a sua reflexão crítica de modo individual, onde deveria apontar os pontos positivos, negativos, como ocorreu a aula, a sua avaliação da turma, a avaliação sobre o planejamento da aula e como tudo se desenvolveu.

Válido ressaltar que sobre o desenvolvimento dos alunos nas atividades, os mesmos não respondiam da mesma maneira, pois alguns exigiam um tempo maior para apreensão do objetivo da atividade, outros faziam de forma mais rápida, outros se recusavam a realizar a atividade e por mais que tentávamos não tínhamos respostas positivas e de repente as vezes em algum dado momento da aula, ele por vontade própria se inseria e cumpria corretamente as tarefas propostas.

Em alguns momentos eram necessárias adaptações dos exercícios, como exemplo, uma atividade que exigia um arremesso com bola de basquete, alguns alunos sentiam dificuldade em segurar a bola de basquete por ser mais pesada e maior que as outras, neste caso trocávamos por uma bola de peso mais leve e tamanho menor e o aluno conseguia realizar perfeitamente o movimento, assim como este exemplo algumas vezes foram necessários alterar tamanhos, materiais, dentre outros elementos para que a atividade pudesse ser vivenciada por todos os alunos.

Ao final, na última aula do semestre, foram realizados novamente os testes de brockport, para poder analisar e observar a forma como eles se desenvolveram, ganhos e diferenças notadas, importante ressaltar que ao longo de todo trabalho as realizações das atividades tiveram todo um olhar sensível e claro para poder notar o quanto eles mudavam a cada semana e sentiam mais dispostos em realizar os exercícios propostos, assim como também executavam melhor os movimentos das aproximações das modalidades esportivas.

É relevante o destaque do quanto os alunos puderam apreender nesses curtos momentos de aulas semanalmente, de modo que eles desenvolveram vários aspectos que causaram surpresas, assim, mais explanado pode-se dizer que os alunos ao participarem desse ambiente de realização das atividades de práticas corporais puderam absorver o conteúdo de uma forma mais significante.

Segundo Oliveira e Campos (2005), ao falar de processo de avaliação, percebe-se o quanto o mesmo é relevante para o trabalho pedagógico do professor, de modo que se torna imprescindível principalmente para o trabalho do professor da educação especial, onde o rendimento escolar passa-se a ser avaliado de forma processual a fim de obter esse acompanhamento e a partir disso verificar se há necessidade de mudanças de estratégias e metodologias.

Portanto, evidencia-se o quanto a avaliação de forma eficiente pode auxiliar e contribuir com o processo de ensino aprendizagem na educação especial, de forma que o feedback após a realização de cada atividade atribuída ao grupo pode analisar todos os resultados e pontos que surgiram ao desenvolver das atividades, os docentes podem corrigir as estratégias utilizadas, melhorar ou modificar conforme tenha resultado a atividade ou continuar as práticas pedagógicas e estratégias de ensino desenvolvidas caso tenha ocorrido tudo bem e obtido um resultado positivo, o que define como irá se dá o processo dos próximos planejamentos é justamente o comportamento do aluno e a sua resposta diante das atividades que foram aplicadas na aula.

No entanto, o professor deve estar o tempo todo atento a fim de perceber como serão as reações e retornos que os alunos apresentam, desta forma avaliando a turma de modo processual a fim de perceber os avanços de cada um traz e os benefícios acarretados pela participação nas aulas, assim como também se a atividade está possibilitando resultados positivos e crescimento e como se dão as respostas para cada atividade.

**CONCLUSÕES**

No trabalho pedagógico com a educação de alunos com TEA há a exigência de certo modo, de uma atenção maior para as individualidades dos alunos e um cuidado com a turma, principalmente quando se trata de aplicar um conteúdo da Educação Física ainda não conhecido pelo grupo, pois o comportamento de cada um diz muito sobre o que apreende da atividade.

É importante o professor estar atento a isso, principalmente pelo fato de que muitas vezes os alunos não dão retornos da atividade de forma verbal, mas com atitudes e gestos que correspondem ao que achou da atividade e como se sentiu, mais uma vez isso mostra a importância da avaliação processual, pois o aluno quando se sente bem e confortável com uma atividade se expressa ao máximo de modo positivo, se sente alegre, se movimenta bastante, o que faz com que participe mais das atividades e se permita se doar a experimentar ainda mais os exercícios, o que consequentemente auxilia que alcance os objetivos propostos pelas aulas.

Nas intervenções o trabalho foi avaliado de modo processual, de forma que os alunos eram observados principalmente nas atividades diferentes que eram incluídas, enquanto suas reações e respostas eram observadas, a forma como eles se comportavam em suas execuções, na maioria das atividades aplicadas a turma os alunos recebiam de forma bem positiva, o que facilitou muito a fluência das aulas e alcance dos objetivos propostos, assim com a confiança que os alunos desenvolveram nos professores responsáveis pelas aulas.

Os alunos também puderam crescer mais em aspectos de desenvolvimento, aprendizado de novos jogos, modalidades esportivas e atividades como aproximações da dança e da ginástica, que além de auxiliarem a se sentirem mais felizes e dispostos também contribuiu muito na formação dos acadêmicos responsáveis por ministrar as aulas.

É inegável dizer que para o grupo de acadêmicos ministrantes das aulas não houve obstáculos e dificuldades nos planejamentos e nas práticas de atividades para o grupo de alunos com TEA. A cada semana e os acadêmicos enfrentavam novos desafios e novas propostas de criatividade, os alunos ensinaram bastante e isso fez com que todo trabalho e resultado fosse percebido de forma conjunta, se tornando uma atividade prazerosa para eles e para os estudantes, enquanto pessoas e professores.

**REFERÊNCIAS**

DINIZ, D. **O que é Deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5 Task Force.(2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5™. Arlington, VA, US.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem. **Revista Pátio**, v. 12, p. 6-11, 2000.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio; CAMPOS, Thaís Emilia. Avaliação em educação especial: o ponto de vista do professor de alunos com deficiência**. Estudos em Avaliação Educacional,** v. 16, n. 31, p. 51-78, jan./jun. 2005.

VIGOTSKI, LS. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001